

Carta a Macciocchi sobre Maio de 1968*

LOUIS ALTHUSSER

Nota introdutória

A carta cuja tradução brasileira aqui apresentamos, traduzida do original italiano, foi publicada em Maio de 1969 por Maria Antonietta Macciocchi no livro *Lettere dall'Interno del P.C.I. a Louis Althusser – Il partito, le masse e le forze rivoluzionarie nella densa corrispondenza fra una militante comunista e il filosofo francese* [Cartas do interior do PCI a Louis Althusser – o partido, as massas e as forças revolucionárias na densa correspondência entre uma militante comunista e o filósofo francês]. Colocada no final do livro e datada de 15 de março de 1969, a carta de Althusser enuncia os pontos fundamentais da análise dos eventos de Maio de 1968 e as grandes questões que eles suscitam. O gênero epistolário convém a um esboço de análise, ressaltando aspectos imprescindíveis para a sua execução. Althusser os esquematiza em estilo spinoziano, enunciando dois fatos, uma tese e uma hipótese, precedidos da definição destas três categorias analíticas (“Por fato/ hipótese/tese entenderei [...]”) com a discriminação de seus conteúdos visando a uma exposição *pedagógica*, na qual se põe em primeiro lugar “o que *domina* a situação na *interpretação* dos acontecimentos de Maio”.

O livro de Macciocchi foi publicado também em francês pelas edições François Maspero na coleção dirigida por Althusser com o título *Lettres de l'intérieur du parti – le parti communiste, les masses et les forces révolutionnaires pendant la campagne électorale à Naples en mai 1968* [Cartas do interior do partido – o par-

* Traduzida do italiano por Diego Lanciote. Revisão e notas de Danilo Martuscelli, Diego Lanciote e João Quartim de Moraes.

tido comunista, as massas e as forças revolucionárias durante a campanha eleitoral em Nápoles em Maio de 1968]. Todavia, a carta aqui traduzida não consta deste livro. No “Prefácio” da edição francesa, Macciocchi escreveu:

A edição italiana deste livro contém algumas cartas de Louis Althusser, a quem se dirigem as minhas; nelas ele dava indicações e sugestões de método. Por razões que não posso julgar, Althusser considerou que, na edição francesa, suas cartas nada acrescentariam à obra. Em acordo com meu editor, naturalmente respeitei esse juízo e consenti não publicá-las novamente.¹

Até agora, a única tradução completa da versão italiana é a inglesa, publicada pela editora Verso em 1973.² Ademais, estão disponíveis hoje uma tradução para o castelhano e uma retradução para o francês a partir da versão inglesa,³ as quais, entretanto, são incompletas. Com efeito, nelas suprimiu-se o intervalo que vai do início da carta até (exclusive) o parágrafo que se inicia com “Por sua vez, os estudantes rivalizavam ardentemente para ‘servir o povo’ [...]”.

No inventário do IMEC (Institut Mémoires de l’Édition Contemporaine), onde está depositado o arquivo de Althusser, também consta, na referência 20ALT/15/16, uma nota relativa à carta de 15 de março de 1969, assinalando que ela não fora retomada na edição francesa pela recusa de Althusser. No entanto, na referência 20ALT/15/20 é indicada a publicação da carta na revista *Nuova Generazione*, seguida de uma análise feita por Gianfrancesco Borghini, então membro da Federazione Giovanile Comunista Italiana, organização dos jovens do Partido Comunista Italiano (PCI) e responsável pela publicação da revista. Nessa mesma referência assinala-se que a análise de Borghini foi abundantemente anotada por Althusser, que esboçou um projeto de resposta em seis folhas manuscritas.

Por fim, convém mencionar que *Crítica Marxista* publicou uma tradução de outro escrito de Althusser sobre Maio de 1968, criticando o artigo de Michel Verret sobre o “Maio estudantil”,⁴ que havia sido publicado originalmente na revista *La Pensée*, n.145, maio-jun. 1969.

D.L.

1 MACCIOCCHI, M. A. *Lettres de l’intérieur du parti – le parti communiste, les masses et les forces révolutionnaires pendant la campagne électorale à Naples en mai 1968* (Paris: Maspero, 1970, p.8, trad. minha: D.L.). (N. E.)

2 MACCIOCCHI, M. A. *Letters from Inside the Italian Communist Party to Louis Althusser* (Londres: New Left Books, 1973). A carta em questão encontra-se disponível na íntegra em: <<https://www.versobooks.com/blogs/3851-louis-althusser-s-letter-on-the-may-events>>. Acesso em: 4 jul. 2019. (N. E.)

3 *Althusser y Mayo del ‘68: la carta de Althusser a M. A. Macciocchi del 15 de marzo de 1969*. Traduzida por Valetín Huarte em 2014. Disponível em <<http://www.democraciasocialista.org/?p=3971>>. Acesso em: 4 jul. 2019. *Althusser et Mai 68: La Lettre d’Althusser à M. A. Macciocchi du 15 mars 1969*. Texto apresentado e traduzido por Julien Girval-Pallotta. Disponível em: <https://grm.hypotheses.org/files/2012/12/alth_mai_lettre.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2019. (N. E.)

4 ALTHUSSER, L. A propósito do artigo de Michel Verret sobre o “Maio estudantil”, Ver *Crítica Marxista*, n.44, 2017. (N. E.)

O argumento: Maio 68 na França: 9 milhões de trabalhadores em greve prolongada, mobilização geral de estudantes universitários e secundaristas. Invertendo os pesos relativos dos papéis desempenhados pelos protagonistas desses dois movimentos, as publicações burguesas, bem como as da maioria do movimento estudantil atribuem o papel central nos “acontecimentos de maio” aos estudantes e intelectuais, e não à maior greve geral da história francesa. Na carta a Macciocchi, Althusser parte da crítica dessa inversão para analisar os encontros e desencontros dos estudantes com os operários. Assinala a dimensão internacional da rebelião estudantil, relacionando-a com a extraordinária repercussão das lutas anti-imperialistas na Argélia, no Vietnã, na América Latina etc. Constata o forte predomínio de ideologias esquerdistas nesta rebelião, mas pondera que elas prosperaram na medida em que a juventude distanciou-se dos partidos comunistas. Conclui propondo três iniciativas teóricas indispensáveis para ultrapassar essa separação.

JQM

Carta de Louis Althusser a Maria Antonietta Macciocchi⁵

15 de março de 1969

Cara M. A.,

Eu lhe havia prometido, quando a vi no verão passado, no calor de julho, algumas palavras sobre os acontecimentos de Maio e sobre o movimento estudantil. Não podia ser senão uma promessa e, ademais, insensata. Por que, de que modo e a título de que pretender falar de semelhante “acontecimento” sem dispor de um mínimo de documentação *objetiva*? Como pretender falar de um evento histórico importante sem dispor de um mínimo de informações objetivas que permitam, se não realizar, ao menos esboçar “a análise concreta” da “situação concreta” do que houve em maio?

Ainda não disponho delas, dada minha situação de retiro, imposta pela doença. Hoje disponho só de alguns elementos sobre o “movimento estudantil”, mas não disponho do *essencial*: isto é, do que *sucedeu exatamente* na classe operária e nos amplos estratos de assalariados (não proletários) que fizeram a extraordinária *greve geral de maio*. Os textos apareceram em *L'Humanité*⁶ e algumas reportagens isoladas nos forneceram somente elementos gerais de análise.

Nessas condições, o que direi não pode ser senão esquemático, grosseiro e, também, fundamentalmente incompleto. Pensei em apresentar-lhe minha análise sob a forma de *teses*. Trata-se, ao contrário, no máximo, de *hipóteses*.

5 MACCIOCCHI, M. A. Louis Althusser a Maria Antonietta Macciocchi, 15 marzo 1969. In.: *Lettere Dall'interno del P.C.I. a Louis Althusser. Il partito, le masse e le forze rivoluzionarie nella densa corrispondenza fra un militante comunista e il filosofo francese* (Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1969, p.338-361). (N. E.)

6 Jornal Oficial do Partido Comunista Francês (PCF). (N. E.)

Não se trata, todavia, de aguardar indefinidamente, isto é, até que se possa fazer um verdadeiro trabalho de história marxista ou (o que é a mesma coisa) de análise política (concreta de uma situação concreta) marxista. Devemos dizer o que podemos, com todas as necessárias precauções, mas devemos dizê-lo. Devemos dizê-lo para submeter nossas hipóteses à crítica dos companheiros, para que daí saia alguma coisa mais que hipóteses e, sobretudo, para que se possa ver um pouco mais claramente a situação posterior a maio. Porque em Maio sucedeu um acontecimento de grandíssima importância para as perspectivas revolucionárias nos “países capitalistas ocidentais”, um acontecimento que *deve* ter repercussões sobre nossa política, caso contrário ela arriscaria ser “rebocada” pelos acontecimentos, e não pelos acontecimentos de maio, que pertencem ao passado, mas pelos acontecimentos presentes e futuros, que um dia irão muito além de maio.

Procederei, então, assim. Enumerarei dois *Fatos*, uma *Tese* e, contemporaneamente, uma *Hipótese*.

Por *Fatos* entenderei os fatos incontestáveis, fatos históricos no sentido forte, isto é, fatos *constitutivos* da conjuntura, seja internacional, seja nacional.

Por *Teses* entenderei as proposições teóricas ou políticas demonstradas. Por *Hipóteses* entenderei proposições teóricas ou políticas das quais não poderei dar a demonstração, seja por falta de espaço (numa carta não se pode delongar-se muito), seja pela falta de informações, que somente pesquisas sociológicas objetivas conduzidas “em campo” poderiam fornecer.

No que estou prestes a escrever, seguirei uma ordem *relativamente* arbitrária: uma ordem de caráter *pedagógico*, subordinada, entretanto, ao primado da política. Consequentemente, meus Fatos (Fato I, Fato II), minha Tese (Tese I) e minha Hipótese (Hipótese I) se apresentarão numa sucessão *mesclada*.

A ordem pedagógica de sucessão enseja que eu comece com o que *domina* atualmente a situação na *interpretação* dos acontecimentos de maio. Daí o

Fato I

O que teve o papel absolutamente *determinante*, em última instância, nos acontecimentos de maio, foi a greve geral de 9 milhões de trabalhadores. A participação em massa dos universitários, secundaristas e jovens trabalhadores intelectuais nos acontecimentos de Maio foi um fenômeno importantíssimo, mas *subordinado* ao movimento de luta econômica de classe dos 9 milhões de trabalhadores.

Agora constatemos o seguinte fato (Fato I): na apresentação e nos comentários que vêm sendo atualmente difundidos sobre o mercado de nossos países capitalistas, a ordem de importância relativa desses dois fenômenos (o movimento de greve geral e as ações “estudantis”) está *completamente invertida*.

Não se trata das tomadas de posição que foram oferecidas por nossos Partidos Comunistas, em particular, pelo Partido Comunista Francês. O PCF apresentou as coisas em sua ordem real: primado da greve geral sobre as ações estudantis. Essa Tese é justa, não só porque expõe a relação de forças de maio, mas por ser

conforme à Tese marxista-leninista do caráter revolucionário da classe operária, caráter este que é somente dela. Por revolucionário é preciso entender: não subjetivamente revolucionário (= declarações revolucionárias pequeno-burguesas), mas antes objetivamente revolucionário (ações revolucionárias que levam à revolução proletária).⁷

Em compensação, está o caso de todas as publicações burguesas e pequeno-burguesas, compreendendo aí a maioria das publicações do movimento estudantil. À parte as imprecações de De Gaulle, que ataca diretamente a classe operária “totalitária”, e à parte alguns manifestos dos Comitês de Ação, essas publicações põem a greve geral em segundo plano: *dela não se fala mais*. Simplesmente apaga-se da história a maior greve operária da história mundial. E se põe em evidência o movimento estudantil, as barricadas do Quartier Latin etc., como se, vista a importância de suas ações, a História pudesse ser feita por estudantes pequeno-burgueses, “que guiam a classe operária para a Revolução [...]”.

Sei que alguns estudantes não caem nessa armadilha burguesa. Não caem em seus *escritos*, quando escrevem, por exemplo, preto no branco a Tese do primado da greve geral de Maio sobre as ações estudantis de maio. Todavia, não basta escrever uma Tese justa: é preciso que ela passe, da cabeça do restrito número de estudantes “conscientes” que a escrevem, antes de tudo, às suas próprias ações e, então, à concreta linha de ação do movimento estudantil.

Agora, digo que a atual linha concreta de ação do movimento estudantil contradiz *na prática*, à parte algumas exceções, essa Tese justa. A linha de ação do movimento estudantil reflete as “ideias” do movimento estudantil, isto é, as ideias da massa dos estudantes. Agora, a massa dos estudantes crê ainda que foram as ações estudantis que desempenharam o papel *determinante* nos acontecimentos de maio.

A massa dos estudantes vive num sonho que se apoia sobre um equívoco. Com o pretexto (e é este um fato histórico, *cronológico*) que as “barricadas”, selvagememente reprimidas, serviram como “detonadores” para a greve geral, a massa dos estudantes pensa de ter estado na *vanguarda* de maio, na vanguarda da ação dos trabalhadores. Trata-se evidentemente de uma ilusão, que confunde a ordem cronológica (barricadas estudantis *antes* da manifestação de 13 de maio e, portanto, *antes* da greve geral), o papel de “detonador” ou de “faísca que incendia a floresta” (Lenin), por um lado, com o papel histórico (não cronológico) *determinante em última instância*, por outro. Em maio, foi a classe operária, e não os estudantes, que desempenhou o papel determinante em última instância.

7 Atenção a esses termos: subjetivamente revolucionário e objetivamente revolucionário. Eles designam, por um lado, as *intenções* subjetivas e, por outro, as *capacidades* objetivas de indivíduos ou de grupos nos confrontos da revolução proletária. Não se pode confundi-los com as distinções introduzidas por Lenin quando define uma situação revolucionária pela conjunção de condições *objetivas* (uma crise econômico-político-ideológica com caráter de ruptura) e condições *subjetivas* (o Partido, sua linha, sua ligação com as massas), que devem estar *à altura* das condições objetivas para que a revolução possa triunfar.

Na medida em que o movimento estudantil (francês ou alemão, japonês, americano, italiano etc.) *não reconhece isso* teoricamente (em seus escritos) e, sobretudo, praticamente (em sua “linha” e em suas formas de organização e de ação), sua interpretação dos acontecimentos de Maio junta-se pura e simplesmente às interpretações burguesas e pequeno-burguesas de maio, das quais ela não é, na linguagem própria às variantes da ideologia das “organizações” estudantis (ideologia libertária, guevarista, neoluxemburguista etc.), senão a pura e simples *remarcação*.⁸

Os estudantes devem tomar consciência desse fato: que eles contribuíram objetivamente, compreenda-se bem, ao seu modo e malgrado as intenções subjetivas revolucionárias dos melhores dentre eles, para ajudar a burguesia inverter a ordem real das coisas, isto é, para silenciar o que, em última instância, foi absolutamente determinante em maio, precisamente, a greve geral de 9 milhões de trabalhadores.

Para convencer os estudantes da realidade que eles não reconheceram, lhes farei simplesmente duas observações que se referem ambas à *ocupação da Sorbonne*.

Foi durante a marcha de 13 de maio que os estudantes ergueram a bandeira vermelha sobre a Sorbonne e ocuparam-na. Se puderam ocupar a Sorbonne e “tomá-la” por tanto tempo, é claro que foi, primeiramente, graças à presença de centenas de milhares de trabalhadores na manifestação de 13 de maio e, então, graças à poderosa greve geral que sucessivamente desencadeou-se. Sem essa greve geral, que mobilizou a massa das forças do aparelho repressivo de Estado para um fronte de uma periculosidade bem diversa para a burguesia que o fronte “estudantil”, teria sido amplamente provável que a ocupação da Sorbonne não tivesse durado mais que poucos dias.

Essa mesma ocupação pôs objetivamente um “problema” sobre o qual os estudantes, seguros demais de uma força que criam dever-se somente a si mesmos, enquanto, ao contrário, vinha essencialmente da potência da greve geral, não pensaram nem sequer um instante. Porque uma ocupação, embora seja da Sorbonne, não se improvisa. Agora, se os estudantes não tinham nenhuma experiência de ocupação de fábrica – e, com razão, já que principiantes nesse assunto –, havia homens, então, já experientes na prática da ocupação: os próprios operários que, “inaugurada” esta forma de luta em 1936, ampliada e praticada várias vezes desde então, não tinham esquecido a lição (prova: o exemplar sucesso de suas ocupações de fábrica em maio-junho de 68). Se, em vez de limitarem-se a ir às portas das fábricas para “oferecer a sua ajuda” aos operários que ocupavam as fábricas, os

8 O termo utilizado por Althusser aqui é *demarcazione*. Cumpre assinalar que, literalmente, a *demarcação* constitui uma categoria a partir da qual Althusser caracteriza a operação de distinção e posicionamento do materialismo nos âmbitos filosófico, ideológico e político. Optamos traduzir *demarcazione* por *remarcação*, tendo em vista que a posição dos estudantes e a dos meios de comunicação burgueses sobre a dinâmica de Maio eram substancialmente iguais, a única distinção estava em que, ao marcarem sua posição, os estudantes reafirmavam a interpretação ideológica dos meios burgueses, repetindo-a e, pois, *remarcando-a* com seu carimbo próprio. (N. E.)

estudantes da Sorbonne tivessem, *contemporaneamente*, pedido aos operários militantes destas mesmas fábricas para virem à Sorbonne, para lhes ensinarem como se deve proceder para conduzir eficazmente uma ocupação, defendê-la contra a intrusão de elementos indesejáveis e dos policiais que ali – como todos sabem – tinham livre acesso, e eventualmente defendê-la fisicamente contra os assaltos das forças de repressão, a Sorbonne ocupada poderia ter se tornado em maio um dos lugares mais significativos da luta de classes, onde a *fusão* entre as ações estudantis e a luta dos trabalhadores teria talvez podido começar a existir. Ainda aqui deve-se pôr as coisas às claras: os estudantes pensavam que, antes de tudo, eram os operários que precisavam deles, enquanto, na realidade, eram sobretudo os estudantes, novatos neste gênero de luta, que tinham a maior necessidade de “ajuda”, isto é, dos conselhos e do apoio dos operários.

Vê-se a quais consequências práticas pode conduzir – de fato, sempre conduz – uma avaliação justa ou, ao contrário, uma avaliação errada da importância respectiva às forças em jogo num “embate”.⁹ Se o “embate” de 13 de maio permaneceu, *essencialmente*, sem um amanhã e se ele está, provisoriamente, mais longínquo que nunca de maio, deste amanhã que bem chegará um dia, é, exatamente sobre esse ponto, por causa de uma falsa avaliação da ordem real da importância das forças presentes.

É preciso, então, pôr seriamente as coisas às claras, e afirmar a seguinte Tese:

Tese I

O que vem sob o nome de “acontecimentos de maio” foi o resultado do *embate* objetivo de duas ordens de ações:

1. A ação da luta econômica e política de classes das massas operárias e assalariadas francesas: a greve geral de 9 milhões de homens e mulheres durante um mês. Essa ação das massas operárias e assalariadas foi o elemento *historicamente determinante em última instância* dos “acontecimentos de maio”.
2. As ações dos estudantes, secundaristas e jovens trabalhadores intelectuais, cuja repressão pelo governo e pela polícia, objetivamente “desastrada” (do ponto de vista burguês: desde maio, os homens do Estado e do aparelho de Estado burguês “captaram a música” e dançaram conforme ela, isto é, com a requerida orientação burguesa), ofereceu a ocasião de uma magnífica explosão, que chegou ao próprio cume com as barricadas da noite de 11 de maio e, em seguida, com a ocupação da Sorbonne, de Odéon e outros pilares da cultura.

⁹ Vertemos *scontro* por *embate* em todas suas ocorrências; é preciso observar, todavia, que seu campo semântico em italiano inclui também o sentido de *encontro*. Trata-se, então, de um *encontro conflitivo*. (N. E.)

Trata-se de um *encontro* e não de uma fusão. Um encontro pode produzir-se ou não se produzir. Pode ser um “breve encontro”, *relativamente* acidental, e, então, não leva a uma *fusão*. E o caso de maio, o encontro operários/assalariados-estudantes, secundaristas, jovens trabalhadores intelectuais, foi um breve encontro que não levou, por toda uma série de razões sobre as quais falarei brevemente e muito em geral, a uma *fusão*. Um encontro, que se torna verdadeiramente um longo encontro, assume necessariamente a forma de uma *fusão*. Agora, isso não se sucedeu em maio. A sucessão dos acontecimentos a partir de maio confirma essa tese: a fusão do movimento operário e das ações estudantis e de outras não está sempre objetivamente na ordem do dia. Para que seja posta na ordem do dia, é preciso que a juventude não proletária percorra *um caminho bastante longo*, e também que o movimento operário (ele também) percorra certa parte do caminho. Até que esse caminho não tenha sido percorrido pelas duas partes (e que cada qual percorra o caminho que deve respectivamente percorrer), a fusão não estará na ordem do dia. E durante todo esse intervalo o movimento operário seguirá seu caminho, de sua parte, e a juventude não proletária os seus hesitantes percursos, por si própria.

A partir dessa Tese I, pode-se pôr um pouco em ordem na *cronologia*, submetendo-a à *História*. O encontro teve lugar, no sentido próprio do termo, no imenso cortejo de 13 de maio, ao clamor, dez anos depois do golpe de Estado de De Gaulle: “*Dez anos bastam!*”. Palavra de ordem *política*, certa e diretamente contra De Gaulle, mas palavra de ordem negativa, defensiva (*contra* De Gaulle). No cortejo ouviam-se também alguns gritos isolados, antes de tudo, a palavra de ordem anarcossindicalista da CFDT:¹⁰ “*Poder operário!*”. Em seguida, alguns gritos de grupúsculos: “*Servir o Povo!*”, “*Apoio aos operários!*” etc. Sob a palavra de ordem política defensiva (*Dez anos bastam!*), havia, potente, uma palavra de ordem de internacionalismo proletário: “*Abaixo o imperialismo dos EUA!*”, “*Vitória ao Vietnã! A FLN vencerá!*”.¹¹ Todavia, se quisermos examinar *o que ocultava* a palavra de ordem política de massa (abaixo o imperialismo, dez anos bastam), encontramos, na manifestação de 13 de maio, palavras de ordem da luta de classe *econômica*: “*Aumentem os salários! Contra as demissões! Pela garantia de empregos! Contra o ritmo de trabalho! Contra a repressão aos sindicatos!*”.

A coisa mais extraordinária, nesse extraordinário encontro da marcha de centenas de milhares de trabalhadores, estudantes, secundaristas ou jovens trabalhadores intelectuais, era a *discordância objetiva* entre as palavras de ordem predominantes entre os trabalhadores e as palavras de ordem predominantes entre os estudantes e intelectuais. Os estudantes e os intelectuais (encabeçados por Sauvageot e Geismar) clamavam não por uma mudança de governo (dez anos bastam! Abaixo De Gaulle!), mas pela “revolução” simplesmente. Essa palavra de ordem “revo-

10 Sigla da Confédération Française Démocratique du Travail (CFDT). (N. E.)’

11 FLN é a sigla da Frente de Libertação Nacional do Vietnã. (N. E.)

lucionária” tomou, em seguida, na ocasião, a forma anarcossindicalista (síntese entre o anarquismo então dominante entre os estudantes e o revolucionarismo dos “doutrinários” do SNES-SUP e da UNEF¹²): “*Poder operário! Poder estudantil! Poder camponês!*”. Todavia, a imensa massa de trabalhadores tinha outra palavra de ordem: a palavra de ordem política defensiva: “dez anos bastam!” e, abaixo, massivamente, palavras de ordem da luta econômica de classe.

Quem se preocupou com essa discordância? No entanto, ela comandou toda a continuação (*cronológica* e histórica) de Maio e, antes de tudo, as formas ulteriores dos encontros raramente alcançados, frequentemente parciais ou ainda francamente perdidos, entre a ação operária (greve geral) e as ações estudantis, secundaristas e intelectuais.

De sua parte, os estudantes ocuparam a Sorbonne, o Odéon etc., que eles tinham transformado em base de agitação ideológica (e, assim pensavam, política). Os operários, em sua maioria jovens, mas também outros mais velhos, vieram livremente à Sorbonne e ao Odéon. Naturalmente vieram também os despossuídos, sub-proletariados, que achavam ali o que comer e onde dormir, e a ocasião de sublimar o próprio drama pessoal (os “katanguenses”¹³).

De sua parte, os estudantes rivalizavam ardorosamente para “servir o povo”, “para ajudar os operários”, iam até as portas das fábricas oferecendo seus próprios serviços. No início, as portas abriam-se quase sempre, em seguida, entretanto (com algumas exceções: por exemplo, Flins, *onde não há portas*), mantinham-se fechadas. Em alguns casos (Flins, Cléon, Nantes, Sochaux), os estudantes participaram diretamente da violenta luta provocada pela intervenção das CRS¹⁴ contra as fábricas. Um jovem estudante foi afogado em Flins e dois operários foram

12 Respectivamente siglas do Syndicat National de l’Enseignement Secondaire-Syndicat National de l’Enseignement Supérieur (SNES-SUP) e da Union Nationale des Étudiants de France (UNEF). (N. E.)

13 “Katanguenses” refere-se a Katanga, antiga província da República Democrática do Congo. Em 1960, com a vitória da luta do povo congolês pela independência, Patrice Lumumba, um dos maiores dirigentes anticolonialistas africanos, assumiu o governo, mas a Bélgica, apoiada pelos serviços secretos estadunidenses e franceses, estimulou um de seus fantoches, Moisés Tshombe, a promover a secessão da província de Katanga, riquíssima em minérios. Uma força colonial de 6 mil militares belgas entrou em ação, ao lado de um exército de mercenários, ditos katanguenses. A conflagração se alastrou. Lumumba pediu a intervenção da ONU e aproximou-se dos soviéticos, mas seus adversários no governo congolês, insuflados pelo celerado Mobutu, aproveitaram-se da situação caótica para destituí-lo. Ele resistiu, mas foi capturado em 1º de dezembro de 1960 pelas tropas de Mobutu. Este entregou-o, em janeiro de 1961, a Tshombe e seus katanguenses, os quais, “supervisionados” por oficiais do Exército belga, torturaram e assassinaram o grande herói da libertação do Congo. A referência de Althusser aos “katanguenses” que assumiram o serviço de defesa da Sorbonne ocupada, não tardando, por seus métodos truculentos e provocadores, a entrar em conflito com os estudantes que os haviam recebido, tem certamente uma conotação irônica. Eles não eram matadores profissionais como os *gangsters* a soldo dos trustes da mineração instalados no Katanga; eram apenas aventureiros marginalizados que encontraram em Maio 1968 a oportunidade de se tornar figurantes (duvidosos) da grande crise social e política que abalou a França. (N. E.)

14 Sigla das *Compagnies Républicaines de Sécurité* (CRS), que integram a Polícia Nacional Francesa, operando como tropas de choque para controlar manifestações. (N. E.)

mortos à queima-roupa em Sochaux (onde as CRS também deixaram caídos por terra alguns dos seus).

No entanto, como regra geral, as massas operárias não responderam ao convite entusiasmado dos estudantes. Evidentemente havia uma discordância e um desentendimento entre as esperanças utópicas (ideológico-“políticas”) dos estudantes e as reivindicações operárias.

Certos estudantes, de maneira um pouco simplista demais, individuaram nisso a razão da “traição” dos dirigentes da CGT¹⁵ e do PCF. De maneira um pouco simplista demais: porque não é uma explicação marxista-leninista crer no *papel determinante dos dirigentes*, quando está em jogo um movimento de massa dessa amplitude. Na verdade, a classe operária não estava, em seu conjunto, por nada disposta a “seguir” os estudantes em seus propósitos, feitos mais de experiência sonhada que de realidade conhecida.

Ela sentia que eles se arriscavam, dada sua manifesta inexperiência da luta de classe, a serem arrastados para o que tem de ser chamado, na falta de outra palavra, de uma aventura. É por isso que, de sua parte, a classe operária prosseguiu seu próprio caminho, com seus próprios meios. Um caminho que não era, não podia ser, o caminho indicado por furiosas proclamações, às quais a rádio e a imprensa burguesas faziam eco público e, digamo-lo, complacentes (a burguesia não é tão estúpida quanto pensavam os “dirigentes” estudantis), por parte dos “dirigentes” estudantis, Geismar, Sauvageot e, depois, Herzberg (Geismar e Herzberg, contudo, não eram estudantes, mas docentes-pesquisadores, o primeiro membro do PSU e o segundo membro subitamente expulso do PCF).¹⁶ É por isso que a classe operária olhou com hostilidade Charléty, o grande *meeting* do PSU (Partido Socialista Unificado, que merecia, então, outro nome: Partido Socialista *Universitário*). A classe operária resolveu, pois, praticamente sozinha os próprios problemas: primeiramente, o problema das suas reivindicações; depois também, em alguns casos, o problema (então absolutamente secundário do ponto de vista da conjuntura existente) de suas relações com seus próprios dirigentes. Esse problema, de todos os modos, é assunto seu, não diz respeito aos estudantes. É preciso que os estudantes carimbem essa verdade elementar na testa, ainda que para eles seja duro entendê-la.

A classe operária retomou o trabalho. Muitas vezes em atmosfera de vitória, com a bandeira erguida. Em certos casos, em meio a dificuldades, por vezes sérias, com alguns dirigentes sindicais. Depois tudo voltou à ordem cotidiana: tudo, salvo que os salários estavam momentaneamente dotados de um poder de compra superior, que as seções sindicais tinham conquistado o direito de cidadania nas

15 Sigla da Confédération Générale du Travail (CGT). (N. E.)

16 Na época, Alain Geismar era secretário-geral do SNES-SUP, Jacques Sauvageot atuava como vice-presidente da UNEF e Bernard Herzberg era membro da direção do SNES-SUP, tendo substituído Geismar na Secretaria-Geral do SNES-SUP em 1969. (N. E.)

empresas (na Citroën, foi verdadeiramente uma grande vitória) e, *sobretudo*, que a classe operária tinha inscrito na própria memória (e é uma inscrição *definitiva*) que os patrões, o governo e o aparelho estatal podiam tremer de agora em diante perante a ação das massas, que uma ação era, pois, possível, e que esta ação podia levar um dia em algo do qual a classe operária ouviu falar, depois da Comuna na França, depois de 17 na Rússia e de 49 na China: a *Revolução proletária*.

Quando a classe operária havia retomado o trabalho, os estudantes “continuaram a luta” sob a famosa palavra de ordem: “*Este é apenas o começo, a luta continua!*” Começo do quê? E de qual luta?

Por esses quesitos não se quer dizer nem por um instante que *nada* começou: ao contrário, alguma coisa de fundamental iniciou para os estudantes, os secundaristas, os alunos das escolas técnicas e os jovens trabalhadores intelectuais, mas alguma coisa que é somente um *início*. Início do quê? Os estudantes creem que seja o início da revolução. Entretanto, a longo prazo, esse início em última instância não é obra deles: é obra da classe operária que não esperou maio para “iniciar a luta” que conduz há mais de cem anos. Então, início de algo para os estudantes? “A luta continua!”: e então continuou, isto é, na realidade refluiu, e nos meses futuros, ao menos na França, irá cada vez mais para a *decomposição, ao menos no ambiente estudantil*, daquilo que os estudantes chamaram com o termo muito ambicioso de “*movimento estudantil*”.

Essa decomposição já teve início na França: tomou a forma de um surto de grupúsculos, toma atualmente a forma de uma ideologia antigupal (de estilo neoluxemburguista) encarnada na ideologia dos Comitês de Ação. Essa decomposição irá acentuar-se. Podemos contar com a inteligência (burguesa) de E. Faure¹⁷ para nisto contribuir com todas as suas forças, ao menos na universidade.

“Este é apenas o começo. A luta continua!”. Começo do quê? Que luta? Daqui a pergunta: *o que recobre a expressão “movimento estudantil”?*

Hipótese I

Eu gostaria, antes de mais nada, de apresentar uma primeira observação, e é que o “movimento estudantil”, ao menos na França e na Itália, mas também na Alemanha, Espanha e EUA, porta um título que não designa com exatidão a realidade que recobre.

A esse respeito, Maio de 68 na França foi uma espécie de experimento científico, uma prova de verdade na qual claramente evidenciaram-se muitos fatos ocultos. Em primeiro lugar, o seguinte fato: se os estudantes propriamente ditos

17 Na época, Edgar Faure era ministro da Educação na França. Foi dele a iniciativa, após Maio de 68, de criar o Centro Universitário Experimental Vincennes, futura Universidade de Paris VIII, aberto aos trabalhadores e que reunia vários intelectuais progressistas e de esquerda, como: Nicos Poulantzas, François Châtelet, Étienne Balibar, Gilles Deleuze, Jacques Lacan, Michel Foucault, entre outros. (N. E.)

tiveram a supremacia e o papel principal, ao menos no início dos acontecimentos, tiveram tendência a fingir que não viam a presença ativa dos outros estratos *mais importantes que eles*. Primeiramente, na juventude escolarizada: os secundaristas, e os alunos de escolas técnicas, mesmo das últimas classes do ensino fundamental. Depois, além da juventude escolarizada, estratos importantes e muito diferenciados de jovens “trabalhadores intelectuais”, jovens médicos, advogados, artistas, arquitetos, engenheiros, jornalistas, quadros pequenos e médios, técnicos médios, professores e pesquisadores etc. É um fato que a expressão muito unilateral e geral, por isso inexata, “movimento estudantil”, recobre uma série de ações, convergentes em maio, de *mais estratos* da juventude estudantil e *mais estratos* dos jovens trabalhadores intelectuais. Essa grande diversidade explica muitas coisas, seja nas convergências (veja os estupendos manifestos de jovens artistas e arquitetos), seja nos embates, se não nas divergências das ações de Maio. Essa grande diversidade tinha ao menos um ponto em comum, um fundo comum ideológico que dominava esta massa pequeno-burguesa: *dominava a ideologia pequeno-burguesa*. Todavia, essa mesma diversidade explica também as variantes muito claras das formas da ideologia pequeno-burguesa que foram todas expressas juntas em maio: o anarquismo libertário, que é *dominante*, mas também o trotskismo, o anarcossindicalismo, o guevarismo e a ideologia da Revolução Cultural Chinesa. É preciso ter como premissa que na França a influência direta de Marcuse, tão importante para a juventude estudantil alemã e italiana, foi *praticamente nula*.

Uma outra observação. A designação “movimento estudantil” presta-se a um equívoco em função daquilo que foi dito. Claramente, os estudantes tendem em suas intenções, por sua parte, e sob o exemplo do movimento operário, por outra, a batizar de “movimento” as suas ações, mas é difícil dar-lhes *pleno direito* a este título porque me parece que se um movimento como o movimento operário tem direito a este título é porque é o movimento de *uma classe social* (o proletário) e só da classe *objetivamente revolucionária*. Os estudantes (universitários), os secundaristas, os jovens trabalhadores intelectuais não constituem uma classe, mas “estratos médios” da ideologia pequeno-burguesa que, ademais, não são objetivamente revolucionários, ainda que alguns membros possam tornar-se autênticos militantes revolucionários (Marx e Lenin eram, propriamente pela sua origem social, intelectuais pequeno-burgueses). Que o “movimento estudantil” não seja um verdadeiro movimento, isto é, um movimento *unido*, já se viu e se compreendeu em maio com os conflitos e as graves divergências nas iniciativas e nas ações, e também com o fato de que o movimento estudantil em alguns casos (por exemplo, Charléty) deixou-se guiar por ideólogos de um partido político de diretas não estudantis, o *PSU*.

Dito isso, sem querer contestar a nossos companheiros estudantes o título de “movimento”, no qual exprimem suas aspirações através da organização e de ações *unificadas*, atacando, além de certas instituições (escolares ou profissionais) e experiências, a ordem do Estado capitalista, é preciso enquadrar exatamente a

dimensão deste movimento levando em conta o seguinte *fato fundamental*: é um movimento que não diz respeito a uma ou duas nações, mas praticamente *a todas as nações capitalistas* e também igualmente às nações socialistas; ele começou faz quinze anos, teve grande desenvolvimento, depois dos espetaculares retrocessos em diversos países (quem se recorda ainda do magnífico movimento estudantil turco, derrubado pela ditadura fascista local?), antes de culminar no Maio de 68 na França.

Movimento internacional de longa duração, nascido em 55, alternando desenvolvimento e estagnação, retrocessos e derrotas, depois espetaculares recuperações – o que é, pois, este acontecimento sem precedente na história, acontecimento certamente *irreversível* apesar de suas inevitáveis derrotas, que começou, depois faliu e falirá, mas não *cessa mais*?

Para explicá-lo, baseando-me em meus escassos conhecimentos, de bom grado formularei a seguinte hipótese basilar: esse movimento internacional é uma das formas espontâneas da luta de classe conduzida, sob formas geralmente utópico-esquerdizantes, *em ambiente pequeno-burguês*, e provocada, em última análise, pela crise da atual fase do imperialismo, *a fase da sua agonia*.

Para convencer-se do impacto das lutas de classe internacionais anti-imperialistas sobre o nascimento e o desenvolvimento desse movimento, basta refletir sobre o papel decisivo que tiveram na juventude estudantil e intelectual a guerra da Argélia, a Revolução Cubana e a própria guerrilha sul-americana, na qual “Che” encontrou uma morte heroica, mas politicamente custosa, a prodigiosa e vitoriosa luta do povo vietnamita contra a agressão da maior potência militar mundial, a Revolução Cultural Chinesa, as violentas revoltas dos negros afro-americanos nas grandes cidades dos EUA, a resistência palestina etc. Essas lutas anti-imperialistas encontraram eco extraordinário na juventude contemporânea de nossos países, incluindo a juventude operária (não nos esqueçamos que, na França, a base do recrutamento militar, isto é, a juventude operária e camponesa, foi mobilizada na guerra da Argélia, que paralisou o *putsch* de Salan, resistindo a seus oficiais, e que não esqueceu a lição).

Certamente, esse eco não teria jamais sido tão profundo se o suceder dos acontecimentos que marcaram os anos 1930 a 1960 não tivesse *abalado a ideologia burguesa a ponto de torná-la extremamente frágil e vulnerável*. O fascismo mussoliniano, o nazismo hitlerista, a guerra da Espanha e a derrota dos republicanos sob os golpes do fascismo internacional, a Grande Guerra Mundial, as revoluções que dela foram a consequência na Europa central, mas, sobretudo, na China, a libertação política e, por vezes, social dos países do “Terceiro Mundo”, as “vitórias” assim como as derrotas (a Coreia, o Vietnã!), as diretas intervenções políticas e militares dos EUA, tornadas, por conta da fraqueza e das contradições de seus “aliados”, *o único gendarme internacional do imperialismo*; em suma, a demonstração pública da impotência política e ideológica das suas gigantescas forças econômicas e militares praticamente reduziram a quase nada, se não

completamente aniquilaram, a força, ainda hoje impressionante, da ideologia burguesa tradicional.

É um fato histórico de primeira importância, que seria gravíssimo subvalorizar, essa derrota aberta, pouco notada, da ideologia dominante, que é a ideologia da classe dominante. É uma derrota que se estende *sobre o mundo inteiro*. Ela abriu um vazio, uma porta escancarada, que virtualmente torna hegemônica a ideologia marxista-leninista, mesmo se os estratos pequeno-burgueses em revolta buscam, bem ou mal, reuni-la sob a forma de ideologias ainda “infantis”, utópicas. No final das contas, sabemos que o utopismo (anárquico, anarcossindicalista, neoluxemburguista e, geralmente, “esquerdista”) é só uma doença *infantil* e que o seu destino é o de *curar-se*, se, como dizia Lenin, “é curada com cuidado”.

Não nos deslumbremos com o fato de que o encontro dos prestigiosos exemplos da vitoriosa luta contra o imperialismo, por um lado, e do vazio aberto pela virtual derrota da ideologia burguesa, por outro lado, tenha aberto um vasto campo de batalha para a *revolta ideológica* da juventude estudantil e intelectual.

Ademais, se consideramos a evolução tendencial da crise econômica do imperialismo, que reúne em sua existência material não só a classe operária, sempre a mais explorada, mas também e talvez acima de tudo, pela primeira vez, diretamente a *pequena burguesia* também em seus estratos relativamente superiores (quadros intermediários, engenheiros, professores, pesquisadores etc.); não nos deslumbremos ainda mais ao vermos os seus próprios filhos, inquietos pelo desemprego que os aguarda, lançarem-se diretamente na batalha. Política, ideológica e economicamente, a agonia do imperialismo criou as condições para um assalto da juventude pequeno-burguesa contra certos aparelhos capitalistas de Estado, sobretudo, contra os seus aparelhos de inculcação ideológica, aí onde a ideologia burguesa manifesta agora a sua irremediável fraqueza: *os sistemas escolares*.

Formularei, portanto, a hipótese de que é preciso considerar o “movimento” da juventude estudantil e intelectual no plano internacional e nacional, como uma *revolta ideológica* (note: uma revolta ideológica não é por si mesma, como os estudantes muito facilmente creem, uma revolução política) *que se lança, primeiramente, contra os aparelhos do sistema escolar dos países capitalistas*.

Por ora, as coisas estão nesse ponto. No entanto, parece-me que, se sabemos donde vem e em qual profundidade histórica estão enraizadas, podemos razoavelmente prever para onde vão, em todo caso, para onde tendem, e onde terminarão por chegar depois de numerosas e, por vezes, graves vicissitudes.

De fato, não é a primeira vez que os países capitalistas são o teatro das revoltas ideológicas da juventude estudantil e intelectual. As revoltas dos anos 1920, o surrealismo na Europa ocidental, o Proletkult na Rússia, foram também revoltas ideológicas, mas por razões diversas, que diziam respeito à conjuntura mundial da época, à força do imperialismo e à potência da ideologia burguesa, ou por outras razões (Rússia), elas falharam, não ultrapassando o estado de doença infantil, ao menos na Europa ocidental.

Seria preciso recordar também que massas de jovens, ainda que entusiastas, foram mobilizadas em sua “revolta ideológica” pelos movimentos fascistas em toda a Europa e no Japão, antes da última guerra mundial? Todavia, essa revolta, odiosamente manipulada pelos dirigentes fascistas, que a grande burguesia escolheu como dirigentes políticos para lutar contra a classe operária, foi corrompida e apodrecida pelos horríveis métodos fascistas, depois massacrada nas guerras de agressão das potências do Eixo.

Agora, tudo é diverso. Os movimentos fascistas não têm quase nenhuma possibilidade de recrutar *legiões* entre a juventude estudantil, malgrado os perigos objetivos muito reais e também próximos de uma reação neofascista da classe dominante. A burguesia deve resignar-se: perdeu definitivamente sua influência ideológica sobre a melhor juventude. E por isso se pode declarar, sem medo de errar, e, apesar de inevitáveis deserções (e por vezes perigosas pelo anticomunismo objetivo de alguns de seus elementos), que a revolta ideológica mundial da juventude estudantil é objetiva e definitivamente *progressista*, e que desde já desempenha um *papel positivo* não desprezível, claro, no seu nível e nos seus limites, na luta de classe internacionalista contra o imperialismo.

Toda a questão, e é a questão capital que o movimento estudantil *deve* enfrentar, e que ainda não enfrentou, exceto em termos em grande parte míticos, é esta: *em quais condições e em quanto tempo, ao fim de quais desafios, o movimento estudantil poderá unir-se de maneira duradoura com o movimento operário e, finalmente, fundir-se com ele?*

Aqui, devo fazer intervir um segundo fato.

Fato II

É preciso ter coragem de encará-lo bem porque é grave e exatamente por sua gravidade não foi ainda, de fato, encarado.

Trata-se de uma fato deplorável para a luta de classe internacional, mas de um fato infelizmente incontestável: *os nossos Partidos Comunistas tinham perdido, momentaneamente esperamos, mas efetivamente, o contato ideológico e político com a juventude estudantil e intelectual.*

Que desde maio tenham sido feitos esforços para reatar esse contato, é, em todo caso, a prova e a absoluta demonstração que em maio, na França, este contato praticamente não existia mais. Creio que suceda o mesmo em outros países. Que Longo¹⁸ tenha julgado indispensável receber *pessoalmente* alguns *leaders* do movimento estudantil italiano prova também que as organizações comunistas estudantis não eram capazes sozinhas de assegurar normalmente um contato que lhes tinha escapado.

É evidente o fato de que em maio a Union des Étudiants Communistes (UEC) da França foi completamente superada pelos acontecimentos e que as multidões

18 Luigi Longo era então secretário-geral do Partido Comunista Italiano (PCI). (N. E.)

compostas de estudantes, de secundaristas, de jovens trabalhadores intelectuais e também de certo número de operários seguiram outros *leaders*, e não os *leaders* da UEC e combateram com outras palavras de ordem, não comunistas. Seguiram Cohn-Bendit e o seu “22 de março”, que não era nem sequer uma organização, pela sua estrutura insignificante. Seguiram Sauvageot, que representava a Union National des Étudiants de France, que era tão fantasmática que não tinha nem presidente. Seguiram Geismar, depois Herzberg, secretários do Syndicat National de l’Enseignement Supérieur. Alguns até ouviram Barjonet¹⁹ em Chartély, onde o PSU, que presidia a cerimônia, não conseguiu garantir a palavra a Mendès-France, que era, no entanto, seu presidente. Não seguiram nem a UEC nem as palavras de ordem do Partido Comunista e da CGT, exceto na grandiosa manifestação, sem amanhã, de 13 de maio, na qual fizeram parte com entusiasmo, mas seguindo *a classe operária* em vez do PCF e da CGT. Na massa, não seguiram nem os seus próprios grupúsculos que, em sua maior parte, foram literalmente esmagados pelo movimento estudantil de maio.

É um fato grave e impressionante, que merece não só reflexão, mas também e sobretudo (pois como refletir sem relatos e sem análise?), informações precisas e análises aprofundadas.

Por que os Partidos Comunistas, representados entre os estudantes pelas próprias organizações, praticamente perderam todo contato com a juventude estudantil a ponto de serem esmagados pelas suas ações e ideologia espontânea em maio?

Limito-me a pôr a pergunta, não podendo me arriscar, por falta de informações suficientes, a formular aqui uma hipótese. Seguramente, para a França é preciso voltar-se aos efeitos, entre os estudantes, da guerra da Argélia, pois é por ela e, conseqüentemente, pelos seus efeitos que a UEC sofreu duas graves cisões (JCR e UJC m-1)²⁰ que fortemente a afetaram e enfraqueceram consideravelmente seus militantes e seguidores. De fato, é preciso recordar a influência da Revolução Cultural Chinesa, e as palavras de ordem separatista endereçadas aos movimentos externos à China pelo PCCh.²¹ Todavia, estes não são mais do que *elementos parciais* de um *sistema de causas*, que se deveria analisar em seus detalhes e certamente em seu conjunto, pois não diz respeito só à juventude de uma só nação, mas à juventude da maior parte dos países capitalistas e também de certos países socialistas.

Quaisquer que sejam as causas últimas dessa perda de contato, um fato é seguro: ela contribuiu muito para precipitar a juventude na revolta, no que, com um termo que não é claro, se chama *esquerdismo*. Não é claro porque seria necessário

19 Dirigente da CGT, André Barjonet rompeu com ela em Maio de 68. (N. E.)

20 JCR é a sigla da organização trotskista Jeunesse Communiste Révolutionnaire, criada em 1966. U.J.C (m-1) é a abreviação da organização maoísta Union des Jeunes Communistes Marxistes-Léninistes, criada em 1965. Os militantes de ambas as organizações foram expulsos da UEC, que era mais vinculada ao PCF. (N. E.)

21 Sigla do Partido Comunista da China. (N. E.)

precisar as diversas formas desse esquerdismo, no qual certamente há antagonismos – as divisões que reinam atualmente entre os restos dos grupúsculos e os seus ex-membros comprovam-no largamente. Seria necessário também precisar que se trata de um esquerdismo *pequeno-burguês*, e não do esquerdismo *operário* do qual fala Lenin em *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*, obra que é frequentemente citada sem discernimento. E também seria necessário precisar que, se Lenin considerava que o esquerdismo operário fosse, para a revolução, “mil vezes menos perigoso que a doutrinação de direita” e relativamente fácil de curar, como doença infantil do movimento *operário*, não se podem aplicar diretamente as fórmulas de Lenin ao esquerdismo estudantil *pequeno burguês*.

Pode-se presumir, sem temer errar, que o esquerdismo pequeno-burguês, se é “infinitamente menos perigoso que a doutrinação de direita” e ainda menos perigoso que o esquerdismo operário, será, todavia, *infinitamente mais difícil* de curar que o esquerdismo operário, porque, evidentemente, os pequenos burgueses não têm o remédio “natural” do “instinto de classe proletário” e possuem, ao contrário, o “instinto de classe pequeno-burguês”, que é terrivelmente difícil de transformar em “posição proletária de classe”.

Todas essas específicas condições impõem, evidentemente, um “tratamento” bastante particular do esquerdismo estudantil e intelectual e, como dizia Lenin em 1916 para o movimento da juventude, “*grandíssimos cuidados, grandíssima paciência na crítica aos erros dos jovens a fim de conduzir pouco a pouco [...] com a persuasão de escolha pela luta*”.

Todavia, como definir verdadeiramente só uma linha de frente na complexidade ideológica esquerdista da juventude, sem ter antes de tudo satisfeito certas condições absolutamente indispensáveis para não se avançar no desconhecido de uma revolta ideológica sem precedentes na história, de uma revolta ideológica que é, não obstante seus erros, suas arrogâncias e suas deserções sem futuro, *incontestavelmente progressista em sua massa*? Porque, e não nos enganemos, é um bom e belo movimento de massa, pequeno-burguês, certamente, *mas de massa*.

Essas condições parecem-me as seguintes:

1. Antes do tudo, é indispensável reestabelecer, com todas as análises sociológicas (econômicas, políticas e ideológicas) necessárias à compreensão *da particularidade* do que sucedeu na sensacional greve geral de maio, a ordem histórica das coisas: *afirmar*, então, *o primado histórico da greve de 9 milhões de trabalhadores* (que varreu para fora a ideologia de Marcuse e de seus comparsas) *sobre as ações da juventude estudantil e intelectual*. Essa análise terá a imensa vantagem, se levada a cabo até as suas particularidades, não só de esclarecer a classe operária sobre suas próprias forças e recursos, portanto, sobre seu prodigioso poder de intervenção revolucionária, mas também de preparar os estudantes, os secundaristas e os outros jovens trabalhadores intelectuais para a *realidade* da classe operária e do movimento operário, do qual se fazem necessariamente uma ideia deformada apesar dos contatos que puderam ter com os jovens operários (*os*

jovens operários não são a classe operária). Essa análise deve também ressaltar a *abstenção quase total*, em maio, do proletariado agrário, dos camponeses pobres e pequenos proprietários, cujas reivindicações e cólera são, contudo, notáveis. Por que essa abstenção? Essa análise deve, evidentemente, ultrapassar o quadro nacional a fim de enlaçar-se no contexto internacional – aquele do imperialismo e da luta de classe internacionalista contra o imperialismo, nas muito difíceis condições criadas pela cisão do Movimento Comunista Internacional – do qual não se podem ignorar a realidade e os componentes.

2. É também indispensável dedicar-se a uma análise aprofundada das causas internacionais e nacionais que estão na origem da *revolta ideológica da juventude estudantil e intelectual*. Essa análise terá a imensa vantagem de esclarecer os jovens sobre as causas que os puseram em movimento, sobre a *necessidade* dos acontecimentos que viveram na “liberdade”, sobre as dificuldades dos becos sem saída (*impasses*) nos quais se debatem e se debaterão. Isso lhes fará compreender os limites e os erros das formas espontâneas da ideologia pequeno-burguesa através dos quais conduziram as suas ações históricas de Maio e irá prepará-los para unirem-se à classe operária, reconhecerem o princípio (afirmado com clareza incomparável por Lenin) da sua *direção* da luta revolucionária e enfrentarem, em termos precisos, o problema que atualmente os atormenta: o problema da *necessidade da organização* (porque sentem, e alguns dentre eles também o sabem, que não há ação política possível sem *organização*). Permitirá, ademais, fazer com que os operários compreendam as causas e o sentido da revolta ideológica da juventude estudantil e intelectual e também as causas das reações utópicas dos estudantes, que justamente deixaram os operários confusos e confinados numa reserva, se não numa desconfiança muito geral. Sem dúvida, análise semelhante deve ser conduzida, como pensei poder indicar, sobre o plano internacional e sobre o plano nacional.

3. Enfim, é indispensável proceder a uma análise profunda das razões que provocaram a anormal *perda de contato*, prática, ideológica e política, da maior parte dos partidos comunistas com a própria juventude. Também sob esse ponto de vista, convém ir ao fundo das coisas, mesmo se devemos chegar às razões de ordem internacional, pois se trata de um fenômeno que ultrapassa o quadro de uma ou de outra nação, chegando, contudo, às razões propriamente nacionais do fenômeno. Na falta disso, as ações empreendidas atualmente por nossos partidos para se reatarmos com a juventude estudantil e intelectual arriscam preencher com métodos e sob uma linha definida por palpite,²² então, preencher bem ou mal, isto é, tão mal quanto bem, o vazio que foi tão nefasto em maio. Claramente, os resultados desta última análise devem encontrar o seu lugar, talvez limitado, mas incontestável, na análise das razões do insurgir massivo das variedades ideológicas

22 Expressão em francês no original: “au jugé”. (N. E.)

esquerdoídes que, sem um apropriado e paciente tratamento, arriscam reinar *ainda por muito tempo* sobre a dita juventude.

Desculpo-me por uma carta tão longa, prometida há muito tempo. Todavia, eu precisava certamente de todo esse tempo para poder enunciar sobre Maio mais do que simples juízos de valor ou simples constatações descritivas.

Eis porque, em todo caso, eu a envio a você, dez meses depois de maio e oito meses após o final de sua campanha eleitoral.²³ Dou-me conta de que muitas indicações minhas têm um caráter muito precário e indubitavelmente, em vários casos, errei. Peço apenas uma coisa: que o demonstre para mim.

Ficaria muito feliz se essa carta, a primeira que lhe escrevi sabendo que será publicada, pudesse provocar análises que nos façam ver um pouco mais claramente um acontecimento que, com a intervenção de uma greve geral de porte sem precedente, faz do embate de Maio de 68 *o maior acontecimento da história ocidental*, depois da Resistência e da vitória sobre o nazismo.

Louis Althusser

23 Maria Antonietta Macciocchi foi eleita deputada de Nápoles pelo Partido Comunista Italiano, em 1968. (N. E.)

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Exame crítico da teoria da financeirização

Eleutério F. S. Prado

Classes sociais e grupos subalternos

Leandro Galastri

Gramsci teórico das relações internacionais

Marcos Vinícius Pansardi

**História crítica das *Obras completas*
de Marx e Engels (MEGA)**

Thomas Marxhausen

**E. P. Thompson: controvérsias
e contribuições (Dossiê)**

Antonio Luigi Negro, Nicolás Iñigo Carrera
e Pedro Benítez Martín

39